

COMUNICAÇÃO CIENTÍFICA

PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO COMO TÉCNICA DE PESQUISA APLICADA EM JORNALISMO

Guilherme Carvalho; guilhermegdecarvalho@gmail.com¹

RESUMO

O artigo apresenta um modelo para utilização da pesquisa de desenvolvimento como técnica para a pesquisa aplicada em Jornalismo, destacando sua relevância na produção de artefatos jornalísticos. A pesquisa de desenvolvimento propõe um modelo metodológico que alia teoria e prática, promovendo a criação de produtos jornalísticos inovadores. Essa abordagem prevê um ciclo contínuo de avaliação e aprimoramento considerando uma reflexão teórica em todas as etapas. O estudo sugere que essa técnica se diferencia da pesquisa experimental e pode contribuir para a autonomia do Jornalismo como ciência, ao mesmo tempo em que fortalece sua aplicação prática, relevância e impacto social.

PALAVRAS-CHAVE

Pesquisa de desenvolvimento. Pesquisa aplicada. Artefatos jornalístico. Metodologia em jornalismo

1. INTRODUÇÃO

O avanço científico em uma área do conhecimento está diretamente associado a dois movimentos fundamentais: O primeiro, de ordem epistemológica, foi desenvolvido a partir de uma abordagem empírico-teórica que deu força à institucionalização do conhecimento em universidades e institutos de pesquisa por meio da profissionalização da ciência. Seguindo os preceitos cartesianos, a divisão das áreas de conhecimento reconhecidas pelas suas diferenças em relação às outras provocaram a especialização disciplinar. Até boa parte do século XX acreditava-se no isolamento da especialização como estratégia para o avanço científico.

Um outro movimento mudaria esta concepção provocando uma revolução científica (nos termos de Thomas Kuhn), a partir dos anos 1930, por meio de teorias e métodos que pretendiam atravessar as fronteiras das ciências institucionalizadas. A

¹ Doutor em Sociologia com pós-doutorado em Jornalismo, professor de graduação em Jornalismo do Centro Universitário Internacional Uninter e do Programa de Pós-Graduação em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG).

interdisciplinaridade se mostrava altamente eficiente para fins científicos mais abrangentes, acelerando o desenvolvimento científico. Esta abordagem, pela perspectiva de Edgar Morin, foi, em boa parte, impulsionada pelos interesses da pesquisa em resolver questões reais e práticas, gerando tecnologias, processos e produtos novos.

Quando propôs uma ciência própria dos jornais, Groth (2011) tinha claro que o pluralismo de métodos seria fundamental. Esta transposição, no entanto, é arriscada. “O método emprestado de uma outra disciplina será utilizado segundo as necessidades da própria ciência, será centrado no objeto próprio e adaptado para o seu questionamento especial” (Groth, 2011, p. 26). E aí é que entra em ação o papel do pesquisador, que deve reconhecer as limitações do método e as necessidades de adaptação às necessidades da pesquisa.

Portanto, uma ciência dos jornais só seria possível pelos resultados que a pesquisa científica poderia trazer para a atividade prática cotidiana do jornalismo. Segundo ele, seriam necessários um objeto, uma teoria, um sistema e um método. Este processo deve considerar ainda a capacidade da ciência responder às questões socioculturais, reconhecendo o poder das “obras culturais” produzidas pelo jornalismo, cujos impactos devem ser sentidos na história e na própria teoria (práxis).

Este debate que tem influenciado pesquisadores brasileiros justifica a busca pelo reconhecimento do Jornalismo como ciência, atravessado pelos embates entre a especificidade e autonomia do campo em relação à Comunicação. Por outro lado, tem gerado uma dificuldade para um olhar mais abrangente. Do lado dos que defendem um Jornalismo autossuficiente, altamente disciplinar, um certo purismo exclui o que outras áreas têm a oferecer².

Silva (2009) aborda esta problemática quando verifica uma postura epistemológica do campo científico do jornalismo que tende a eleger a prática profissional como *locus* único de onde surgem as teorias do jornalismo, o que faz com que as teorias fiquem restritas às técnicas, impedindo uma teorização mais ampla e profunda.

² Apesar que em termos metodológicos, as pesquisas em jornalismo se amparam em métodos, técnicas e procedimentos de outras áreas como a Comunicação, Sociologia, Antropologia, História, etc.

A questão está relacionada a um histórico pouco favorável à ciência do Jornalismo, não pela falta de interesse ou incompetência dos pesquisadores da área, mas pela política instrumental que provocou um hiato teórico-metodológico no campo. A mudança deste cenário a partir de uma retomada que começa muito recentemente no Brasil tem exigido uma demarcação disciplinar daqueles que defendem a especificidade da área em busca do reconhecimento teórico e científico do Jornalismo, o que, claro, omite as contribuições exógenas que podem ser importantes para o próprio avanço. Para não jogar fora a água da bacia com o bebê neste processo de autonomização e reconhecimento do campo, é preciso garantir que a disciplinaridade seja respeitada, reconhecendo também o valor e os limites dos aspectos interdisciplinares.

A superação da indisposição de parte dos pesquisadores para com metodologias não típicas no campo acadêmico do jornalismo passa pelos resultados que as pesquisas em jornalismo podem oferecer quando utilizam uma “interdisciplinaridade consciente”. Uma postura epistemológica que exige iniciativa, inventividade e capacidade de interpretação para adaptar instrumentais de pesquisa para atender às demandas próprias da pesquisa em Jornalismo.

A herança comunicológica forçou uma interdisciplinaridade incapaz de garantir um espaço relevante para a pesquisa e desconectada da própria natureza do jornalismo, cuja atividade se cristaliza na prática por meio da presentificação dos acontecimentos na produção de notícias. A maior parte das metodologias adotadas na pesquisa em jornalismo são aquelas destinadas à análise e descrição, predominantes no âmbito da chamada pesquisa básica. O problema é que os levantamentos a respeito dos métodos utilizados em pesquisas em jornalismo indicam uma baixa variedade e uma recorrência de procedimentos que são similares ao que se verificava antes mesmo da reforma curricular de 2013 que instituiu os bacharelados em Jornalismo (Silva et. al, 2017; Strelow, 2011; Machado, 2010; Paula, Pozzobon, 2015).

Partindo, então, deste debate, elaboramos uma proposição que reconhece a importância da pesquisa aplicada e que se ancora na interdisciplinaridade para construção de um modelo de técnica de pesquisa que julgamos adequada para um tipo de pesquisa no campo do jornalismo. Estamos nos referindo à “pesquisa de

desenvolvimento”, uma classificação que nos parece mais apropriada para aquelas pesquisas que, partindo de aspectos da realidade, são capazes de se apropriar da teoria para o desenvolvimento de produtos jornalísticos. A proposta revisa, portanto, as classificações que identificam este tipo de trabalho como pesquisa experimental.

Para a elaboração deste trabalho, realizou-se uma revisão de literatura a respeito da pesquisa aplicada em jornalismo, considerando mais detidamente a realidade brasileira. Em seguida, propõe-se um **modelo** para a elaboração de artefatos jornalísticos a partir da técnica da pesquisa de desenvolvimento. Desse modo, trata-se de um artigo propositivo com vistas ao oferecimento de novas possibilidades para avanço da pesquisa aplicada em jornalismo.

2. O LUGAR DA PESQUISA APLICADA NO JORNALISMO

A pesquisa em jornalismo é predominantemente básica³, segundo Contador *et. al* (2024). As produções se amparam em objetos empíricos jornalísticos utilizando-se de métodos descritivos e analíticos. Assim, a análise, eventualmente amparada pela teoria e uma requerida metodologia jornalística, tende a estabelecer pontes reflexivas importantes que podem trazer contribuições a partir da indicação de exemplos ou problemas. Por outro lado, este tipo de pesquisa, também chamada equivocadamente de “pesquisa teórica⁴”, oferece poucas soluções, inovações ou alternativas, o que, do ponto de vista mercadológico, é pouco valorizado e, muitas vezes, repellido, uma vez que indicam críticas sobre questões técnicas, éticas ou estéticas no mundo dos negócios, onde o maior interesse está no lucro.

A maior parte da pesquisa básica é de cunho descritivo que “baseia-se na construção de sistemas em que o pesquisador busca o maior controle possível das variáveis envolvidas, de forma a tentar identificar correlação e, eventualmente, causalidade” (SANTOS, 2018, p. 20). A abordagem, neste caso, é reduzida, já que não avança para um estágio de aplicação ou incorporação a um ambiente externo.

³ A respeito conceito de pesquisa básica sugere-se Gil (2008) e Arendt (1996).

⁴ A distinção entre pesquisa básica e pesquisa aplicada, quando denominada de pesquisa teórica pressupõe que a pesquisa aplicada não atua e não contribui com a perspectiva teórica também. Este debate é bem elaborado por Stokes (2005).

As atividades de descrição e, principalmente, interpretação, amplamente utilizadas nos estudos científicos encontrados em revistas e eventos acadêmicos da área, refletem também um direcionamento claro de programas de pós-graduação, grupos de pesquisa e formação de pesquisadores em geral para abordagens que normalmente não tem a intenção de propor coisas ou prescrever soluções para problemas reais; práticas tão comuns em outras áreas do conhecimento, e que, a princípio, deveriam ser essenciais numa ciência, pelo menos, oficialmente, social aplicada. (SANTOS, 2018, p.19)

Não se trata de uma condição específica do Jornalismo. Van Aken (2004) expressa a preocupação com a falta de relevância das pesquisas sob o paradigma das “ciências tradicionais”. Esta crítica se liga à dificuldade da pesquisa científica em desenvolver artefatos, constructos ou modelos capazes de responder problemas. Nas pesquisas no âmbito das Ciências Humanas e Sociais, por exemplo, a pesquisa aplicada é uma incógnita, pouco conhecida, raramente elaborada e, em alguns casos, rejeitada por matrizes teóricas críticas pelo seu caráter utilitarista cuja origem filosófica se alinha ao positivismo (Michel, 2015).

A pesquisa básica é generalista, tem fins prioritariamente teóricos, apesar de se utilizar de elementos empíricos para análise e descrição, não tem compromisso ético com o campo profissional e não visa uma aplicação direta sobre a realidade. Já a pesquisa aplicada tem como objetivo principal a transformação do ambiente por meio de um artefato⁵, utilizando-se de instrumentos que seguem a um rigor metodológico que associa a teoria aos valores externos ao ambiente acadêmico por meio da prática.

Esta compreensão é compartilhada por Zamberlan *et. al* (2019) para quem a pesquisa aplicada pode ser classificada como própria da ciência factual, cuja aplicação está (ou deveria estar) ontologicamente ligada aos seus objetivos. Diferentemente das ciências formais (puras), a aplicação, neste caso, diz respeito a busca de soluções para problemas da realidade.

Este debate pode levar o leitor a pensar que estamos apostando no embate entre pesquisa básica e pesquisa aplicada. Este paradigma iniciado após a segunda guerra

⁵ Segundo Simon (1996, p. 6), artefato é um produto artificial, criado por seres humanos que provoca alterações na realidade. Reúne um conjunto de conhecimentos teóricos e empíricos para gerar alguma facilidade. “Um artefato pode ser pensado como um ponto de encontro, uma ‘interface’ nos termos atuais entre um ambiente ‘interno’, a substância e organização do próprio artefato, e um ambiente ‘externo’, os arredores nos quais ele opera. Se o ambiente interno for apropriado ao ambiente externo, ou vice-versa, o artefato servirá ao seu propósito pretendido” (tradução livre).

mundial vem dando lugar à compreensão da inter-relação e interdependência entre ambos os tipos de pesquisa.

De acordo com Stokes (2005), a superação do modelo linear que percebia a pesquisa aplicada como resultante do desenvolvimento da pesquisa básica possibilitou a superação da dicotomia entre ambas e reconheceu um grau de importância significativa para a ciência e a tecnologia nos Estados Unidos. Em seu estudo, observando eventos de progresso tecnológico ao longo do século XX, ele verificou que a relevância de institutos de pesquisa, pesquisadores e suas pesquisas ocorreu quando pesquisa básica e pesquisa aplicada foram associadas.

No Jornalismo, no entanto, a pesquisa aplicada não só é incipiente, como também está pouco relacionada à pesquisa básica. Este problema é decorrente de uma série de fatores históricos ligados a um modelo dicotômico que prevaleceu por muitos anos no ambiente institucional em universidades brasileiras (Ribeiro; Carvalho, 2025; Guerra, 2024).

Meditich (1997) parte da leitura de Robert Park e Adelmo Genro Filho para reconhecer no jornalismo uma forma de conhecimento específica que opera no campo lógico do senso comum, uma condição que faz parte de uma atividade profissional que atua na “imediatez do real”. Ou seja, o jornalismo se consolida não apenas pela leitura do cotidiano, mas pela sua capacidade de intervir sobre ele, sugerindo tratar-se de uma atividade cujos processos são reconhecidos pela prática.

Por outro lado e apesar de seu caráter prático, o jornalismo reivindica também uma identidade como atividade teórica, porém pouco explorada na sua relação com o cotidiano profissional (Silva, 2009). Não por acaso, o jornalismo é reconhecido socialmente como profissão, mas não como ciência. Desse modo, apesar do caráter essencialmente prático do jornalismo e da necessidade de uma formação teórica também para a construção de profissionais qualificados, conforme Beltrão (2006), a pesquisa aplicada é pouco efetivada no campo.

No âmbito da pesquisa aplicada, são mais comuns as atividades de prescrição, que indicam comportamentos e ações sobre uma determinada situação, indicando o que deve ser realizado. É mais encontrada na técnica de pesquisa experimental, na qual

há uma manipulação da realidade a partir do controle de uma situação, para produzir mudanças (Franciscato, 2007).

Por outro lado, a adoção desta posição epistêmica pressupõe o afastamento, portanto, em relação à pesquisa descritiva, marcada pela interpretação da realidade sem a intenção de intervir sobre ela, uma vez que “a analogia a experimentos laboratoriais isolados parece pouco adequada para investigar os complexos processos sociais e culturais” (Franciscato, 2007, p. 5).

O método de pesquisa aplicada geralmente está associado à técnica de pesquisa experimental. Este tipo de pesquisa também

implica na simulação de um ambiente laboratorial para verificação de teorias. [...] Sua função é testar a teoria, para descobrir novas realidades. Não deve prescindir da base teórica. Ela tem base na experimentação, na comparação e verificação de condições favoráveis ou necessárias à sua comprovação. [...] Na área de ciências sociais, a pesquisa experimental pode ser aplicada a situações nas quais são simuladas condições de laboratório: provocando conflitos, simulando ambientes específicos, reproduzindo problemas, para se verificar, na prática, como se comportam as variáveis discutidas na teoria. (Michel, 2015, p.50)

Michel (2015, p. 51) ainda reconhece a pesquisa quase-experimental, que “usa variáveis externas, fora do delineamento da pesquisa, com grupos equivalentes ou com os mesmos sujeitos em outro momento/situação” e a pesquisa-ação, na qual “o pesquisador se envolve na pesquisa tanto na análise crítica do problema, quanto na implantação das soluções; ele é autor da análise e parte do problema” (Michel, 2015, p.52).

A pesquisa experimental, portanto, uma das técnicas mais comuns de pesquisa aplicada, promove um experimento, uma atividade controlada em laboratório, cujo processo de elaboração do artefato não pressupõe uma interação direta com um público interessado, ainda que os resultados possam trazer contribuições para este grupo.

As produções jornalísticas resultantes de pesquisa científica, no âmbito da pesquisa aplicada, portanto, têm características diferentes daquilo que prevê a pesquisa experimental. Dentre as questões que devem ser observadas estão:

- a) As condições de construção do artefato que não está em um ambiente controlado, como em laboratórios específicos isolados para evitar “contaminações”. Uma produção jornalística pressupõe um grau de interação que inclui uma construção coletiva e dependente das chamadas fontes de informação com as quais o pesquisador precisa interagir;
- b) Esta elaboração altera as condições de produção e o produto final está menos suscetível a ajustes posteriormente à sua disponibilização ao público. Ou seja, uma pesquisa experimental pressupõe um grau de controle que um produto jornalístico não permite, mesmo porque os resultados não são facilmente calculáveis, como no caso de uma tecnologia nova;
- c) A pesquisa experimental não pressupõe necessariamente a incorporação do artefato ao ambiente externo. Geralmente inclui uma fase de experimentação, mas não implica obrigatoriamente um processo de comercialização, por exemplo, o que limita os impactos sociais que o artefato pode provocar; e
- d) A pesquisa experimental não exige obrigatoriamente a realização de práticas profissionais para a elaboração de um artefato. Uma tecnologia, um método, um processo, por exemplo, podem ser elaborados sem que a prática profissional seja incorporada na elaboração do artefato. Ainda que deva levar em conta a prática, não implica obrigatoriamente na realização de atividades do campo profissional.

Assim, apresentamos uma proposta que acreditamos ajudar não apenas a classificar de forma mais adequada os artefatos tipicamente jornalísticos, mas também elaboramos um modelo⁶ para o desenvolvimento de pesquisas desta natureza.

3. MODELO DA PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO

⁶ Modelos podem ser entendidos, segundo March e Smith (1995, p.256), como um “conjunto de proposições ou declarações que expressam as relações entre os constructos”. representações da realidade que apresentam tanto as variáveis de determinado sistema, como também suas relações. Um Modelo pode também ser considerado uma descrição, isto é, uma representação de como as coisas são.

A pesquisa de desenvolvimento pode ser entendida como uma técnica de pesquisa que visa a elaboração de um artefato fundamentado em aspectos teóricos com o objetivo de gerar algum tipo de transformação no ambiente externo. Nesse sentido, trata-se de um tipo de pesquisa aplicada voltada para associar a teoria e a prática no desenvolvimento de produtos.

A pesquisa de desenvolvimento (*development research*) foi elaborada para a educação no início dos anos 1990 pelo holandês Jan van den Akker, da Universidade de Bremen. O objetivo é

apoiar o desenvolvimento de produtos prototípicos (incluindo fornecer evidências empíricas de sua eficácia) e (ii) gerar direções metodológicas para o design e avaliação de tais produtos. Nesta abordagem, a contribuição científica (crescimento do conhecimento) é vista como igualmente importante que a contribuição prática (melhoria do produto)⁷. (tradução livre) (Van den Akker, 1999, p.4)

Nesse sentido, a pesquisa de desenvolvimento busca reduzir as incertezas nas tomadas de decisão para a realização de “intervenções” que podem ser produtos, programas, materiais, procedimentos, cenários, processos. Neste tipo de pesquisa, o pesquisador direciona as ações para otimização e qualidade da intervenção. Adicionalmente, a pesquisa de desenvolvimento procura estimular o aprimoramento profissional dos participantes.

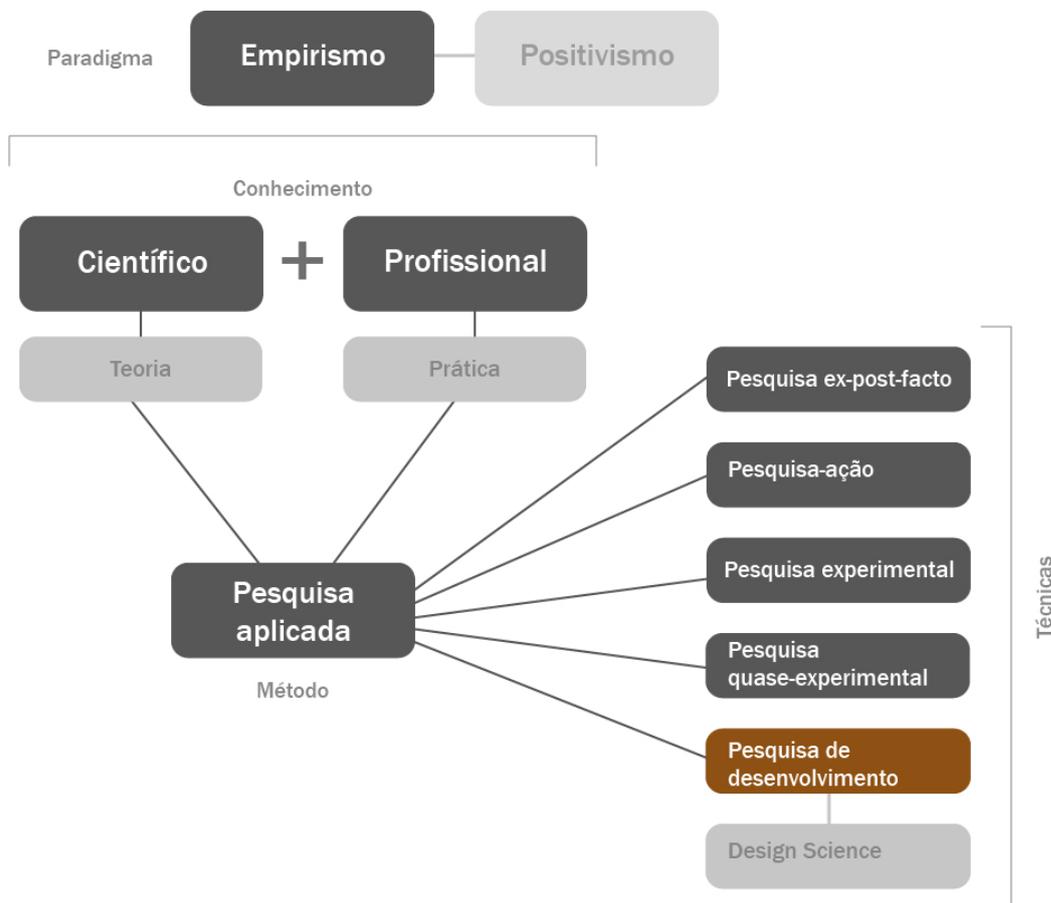
Trata-se de uma pesquisa de natureza procedimental que se associa aos princípios da *Design Science*. Assim, conforme Van den Akker (1999, p. 6), o trabalho deve ser dividido em duas fases: uma ligada ao tempo de pesquisa e outro ao desenvolvimento do produto (artefato). São necessários “estudos exploratórios para analisar problemas-em-contexto e selecionar exemplos relacionados de intervenções, a fim de gerar ideias de design” (tradução livre)⁸. Isto permitirá a elaboração de propostas para tentativas em condições reais.

⁷ (i) *supporting the development of prototypical products (including providing empirical evidence for their effectiveness), and (ii) generating methodological directions for the design and evaluation of such products. In this approach, the scientific contribution (knowledge growth) is seen as equally important as the practical contribution (product improvement).*

⁸ „explorative studies to analyze problems-in-context and to screen related examples of interventions in order to generate design ideas“

De acordo com Ibrahim (2016, p.2), o conceito de pesquisa de desenvolvimento foi atualizado em 2007 como sendo um “estudo sistêmico de concepção, desenvolvimento e avaliação de programas, processos e produtos instrucionais que devem atender aos critérios de consistência interna e eficácia” (tradução livre)⁹. Passou a ser vista como um método de pesquisa que busca estabelecer uma base empírica para criação de programas e produtos por meio de ferramentas instrucionais.

IMAGEM 1 – AXIOMA DA PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO



Elaboração: Carvalho (2025)

Fonte: Martins; Teóphilo (2009), Silva (2005), Diehl; Tatim (2004) e Matta et. al (2014)

⁹ “systemic study of designing, developing and evaluating instructional programs, processes, and product that must meet the criteria of internal consistency and effectiveness”.

Para tanto, os princípios da pesquisa de desenvolvimento preveem o envolvimento de participantes externos no processo. Um grau de interatividade precisa fazer parte do processo de construção do produto. Pensando para o jornalismo, podemos considerar que a interação faz parte do processo produtivo. Não existe notícia sem algum grau de interação, seja com as fontes de informação seja com o público para o qual o conteúdo se destina ou a partir do qual surgem as preocupações que pautam o jornalista.

O conceito de pesquisa de desenvolvimento foi tratado pela primeira vez no Brasil por Matta et. al (2014), também pensado para utilização na educação. Segundo os pesquisadores, no âmbito das metodologias de pesquisa aplicada, a pesquisa de desenvolvimento se diferencia da metodologia descritiva, experimental ou quase-experimental, cuja produção ocorre em ambiente controlado e controle de variáveis, em laboratório, com etapas de validação.

Já a pesquisa de desenvolvimento está

focalizando no desenvolvimento de aplicações que possam ser realizadas e de fato integradas às práticas sociais comunitárias, considerando sempre sua diversidade e propriedades específicas, mas também aquilo que puder ser generalizado e assim facilitar a resolução de outros problemas. (Matta, et. al, 2014, p.24)

Diferentemente da pesquisa experimental, na pesquisa de desenvolvimento

Os produtos resultados da pesquisa são de importância decisiva, a ponto de, sem eles considerar-se com relativo insucesso o procedimento de investigação. Os artefatos resultantes de design podem ser softwares, desenvolvimento profissional, desenvolvimento atitudinal comunitário ou outro pertinente ao processo cognitivo estudado, mas sempre de natureza prática e realizados em práxis social. (Matta et. al, 2014, p. 32)

O processo de elaboração da pesquisa de desenvolvimento pode ser melhor compreendida a partir do quadro a seguir, no qual são elaboradas 6 fases que indicam o que deve ser realizado em cada etapa:

QUADRO 1 – FASES DA PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO

Fases	Ações
Fase 1: Análise do problema por investigadores, usuários e/ou demais sujeitos envolvidos.	Definição do problema.
	Definição do público-alvo
	Questões de pesquisa.
	Contextualização e/ou revisão de literatura.
Fase 2: Desenvolvimento da proposta de solução.	Construção Teórica.
	Desenvolvimento de projeto de princípios para orientação do plano de intervenção.
	Descrição da proposta de intervenção.
	Definição do projeto editorial.
Fase 3: Execução da produção, interação e refinamento em práxis da solução.	Produção do material.
	Coleta de dados e realização de entrevistas.
	Redação, gravações, edições e editoração.
	Montagem do material para fins de divulgação.
	Iteração da proposta (fase 1).
Fase 4: Intervenção	Publicação do conteúdo.
	Disponibilização ao público-alvo.
Fase 5: Reflexão e análise para melhorar implementação da solução.	Análise dos resultados a partir da reflexão teórica.
	Verificação de alterações no ambiente interno e externo.
	Ajustes necessários.
	Iteração da proposta (fase 2)
Fase 6: Incorporação	Adoção do produto como parte da prática com efeitos sobre o pensamento teórico.

Fonte: O autor com base em Matta et. at (2014).

No jornalismo, ao adotar o método da pesquisa de desenvolvimento, o pesquisador assume também o papel de jornalista, porém sua produção está amparada por um fundamento teórico/metodológico que guia a produção. Assim, o esforço teórico/empírico é exigido para a elaboração de produtos protótipos, incluindo evidências empíricas sobre sua efetividade e geração de decisões metodológicas para design e avaliação da produção (Ibrahim, 2016).

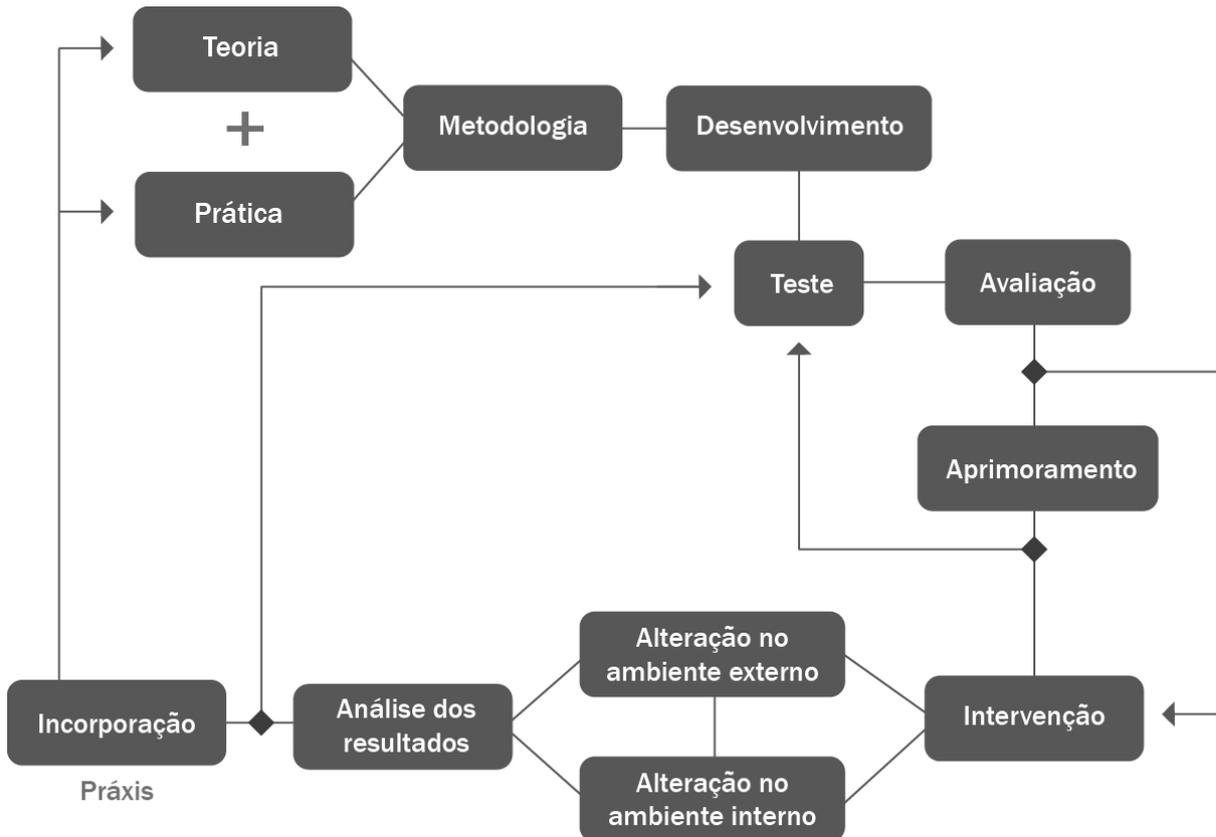
No quadro 1 podemos ver um exemplo que permite visualizar as 6 fases, considerando uma produção pensada para um produto jornalístico. Um aspecto importante a ser considerado é que em todas as fases é imprescindível que a teoria seja levada em conta nos processos. O próprio produto jornalístico precisa ser teorizado a partir dos elementos técnicos, éticos e estéticos, o que inclui as etapas de planejamento, elaboração e avaliação dos resultados.

“A construção da posição teórica deve estar direcionada para a elaboração de um conjunto de princípios que serão utilizados para a elaboração da proposta de aplicação, que assim ganhará uma primeira versão definida pelos princípios teóricos” (Matta, 2014, p.31). Como se verifica, o aspecto teórico ganha muita relevância na pesquisa de desenvolvimento. Nesse sentido, a teoria não apenas fundamenta a produção como está associada em todas as etapas do processo. Faz parte do ponto de partida, do desenvolvimento e das avaliações. Este processo pode garantir também que a pesquisa aplicada seja também contributiva para a pesquisa básica.

Uma das etapas fundamentais do trabalho é o de iteração, que não deve ser confundido com interação. Iteração diz respeito a um processo contínuo de repetição de passos no processo de construção do artefato com vistas aprimoramento e adequações para que os resultados sejam atingidos. Pensado para a produção de um produto jornalístico, a iteração deve ser pensada não apenas para o desenvolvimento do produto, mas também para o plano editorial.

A seguir, apresentamos um modelo de aplicação da pesquisa de desenvolvimento, considerando as possibilidades para o desenvolvimento de artefatos no campo do Jornalismo.

IMAGEM 2 – CICLO DA ELABORAÇÃO DO ARTEFATO NA PESQUISA DE DESENVOLVIMENTO



Elaboração: O autor

O produto resultante de uma pesquisa de desenvolvimento no campo do Jornalismo, uma reportagem, por exemplo, não é outra coisa senão um artefato. Segundo Simon (1996), um artefato é ao mesmo tempo uma interface entre o meio interno e externo, um produto elaborado artificialmente que provoca alterações no ambiente “natural”. O “objeto artificial imita o real ao virar a mesma face para o sistema externo, ao se adaptar, em relação aos mesmos objetivos, a intervalos comparáveis de tarefas externas” (Simon, 1996, p.13).

No fluxograma apresentado na figura 2, percebe-se que a metodologia considera a teoria e a prática como elementos próprios da pesquisa, tal qual previsto na pesquisa aplicada, cujo objetivo é o desenvolvimento de um artefato. Na etapa seguinte, realiza-

se o teste e a avaliação sobre o que foi elaborado. Se os objetivos foram atingidos, o artefato segue para a próxima etapa, quando provoca uma intervenção nas condições normais, provocando alterações no ambiente interno e externo. Do contrário, o artefato é mantido no ambiente interno para uma nova etapa de aprimoramento (iteração) e, então, segue o fluxo de teste e avaliação. Somente quando está de acordo com o que foi planejado ou quando atinge um estágio satisfatório para o pesquisador é que segue adiante. Os resultados obtidos a partir do processo de intervenção no ambiente interno e externo são analisados e, se necessário, devem retornar à etapa de teste e reavaliação para novos aprimoramentos (iteração). Caso o artefato tenha obtido sucesso, passará, então, a uma nova fase, na qual é incorporado às práticas profissionais e às teorias científicas, gerando aquilo que se entende como *práxis*.

Este modelo pode ser aplicado a um artefato jornalístico: um livro-reportagem, uma reportagem audiovisual, uma web reportagem, etc. A etapa de desenvolvimento inclui um primeiro grau de interação, uma vez que a produção exige a realização de entrevistas, apuração, coleta de dados que serão úteis para a reportagem. A fase de teste e avaliação ocorre ainda no ambiente interno e está ligada aos processos avaliativos no âmbito da instituição onde o trabalho está em desenvolvimento em forma de bancas, pareceres, apresentações. O aprimoramento pode ocorrer como um processo de melhoria a partir destas avaliações numa espécie de checagem ou reedição do material. A intervenção pode ser compreendida como a etapa de publicação e disponibilização do artefato ao público ao qual se destina a reportagem. O consumo da reportagem deve gerar resultados que indicam algum tipo de alteração no ambiente externo e também no interno. As interações do público nas plataformas digitais, as mudanças na legislação, as alterações em discursos políticos, tudo isso são resultados da intervenção que precisam ser verificadas considerando o que foi planejado inicialmente.

Já a incorporação pode ser verificada sobre a maneira como o jornalismo é pensado a partir desta intervenção. Neste caso, algo que poderia ser observado na inclusão de pautas inéditas no ambiente profissional, na edição de livros-reportagens sobre o tema, na construção de reportagens que considerem um certo perfil de fontes de informação e assim por diante. Ao mesmo tempo, esta intervenção poderia provocar

novos olhares do campo científico sobre o próprio jornalismo, adicionando novos elementos para este exercício reflexivo que deve considerar o ambiente das práticas para desenvolvimento de novos artefatos futuros.

Este tipo de produção não deve ser comparada à produção daqueles que se dedicam exclusivamente à produção jornalística sem que se reconheçam as diferenças nas condições de produção. Além do aspecto teórico, que assume um papel significativo na pesquisa, sendo um fundamento constante e imprescindível da produção em todas as etapas, também o tempo é diferente. A produção de uma notícia ou reportagem em uma redação jornalística é pressionada pelas lógicas comerciais que impõem *deadlines* rigorosos em que o prazo é um condicionante dos custos empresariais. Um jornalista que está há mais tempo produzindo uma reportagem não está produzindo outros conteúdos, reduzindo sua capacidade produtiva em termos quantitativos e a eficácia da sua produtividade em termos comerciais.

Por fim, as motivações dos jornalistas também são diferentes. Os chamados critérios de noticiabilidade tem uma influência maior sobre a produção, uma vez que a lógica comercial dos jornais impõe a necessidade de uma produção que considere também o valor das notícias ou valor-notícia. Nesse sentido, ainda que o interesse público seja um critério fundamental na produção, o jornalista também precisa levar em conta o potencial de audiência de um produto que é a razão de existência da empresa jornalística.

A pesquisa jornalística cujo resultado é um produto jornalístico, a princípio, é movida, talvez, por critérios parecidos, mas com graus de importância diferentes. A ausência da pressão que se impõem por meio de uma rotina produtiva enquadrada pela lógica comercial dá espaços para que o pesquisador produza distribuindo seu tempo de produção de modo diferente, ora para estudos, explorações e planejamento, ora para a execução do produto. O equilíbrio do tempo entre estas duas etapas é muito maior e, eventualmente, até maior na primeira em relação à segunda.

Além disso, a pesquisa não sofre a pressão pela audiência. O produto deve ser pensado para provocar algum tipo de mudança no ambiente, mas a quantidade de pessoas que acessam o material não determina, *a priori*, o valor financeiro do que foi desenvolvido. Uma reportagem fruto de pesquisa pode até se tornar, posteriormente,

um produto comercializável, previsto, inclusive, nos relatórios por meio de planos comerciais, mas toda a produção é pensada para atender ao rigor científico e o que se acredita ser uma demanda social por informações. Desse modo, a lógica emancipatória do jornalismo tem maior relevância do que a comercial.

Por fim, o processo pode ser tornar mais importante do que o produto para o pesquisador. A pesquisa de desenvolvimento tem o objetivo de contribuir para o processo de aprendizado dos desenvolvedores durante a trajetória de desenvolvimento. Por isso, exige um processo avaliativo, muitas vezes retratado em forma de relatórios que acompanham o produto, no qual o pesquisador pode refletir sobre o que foi realizado e sobre os resultados obtidos, algo secundarizado no trabalho cotidiano de jornalistas que pouco tempo tem para este tipo de atividade.

Ibrahim (2016) classifica a pesquisa de desenvolvimento em 2 tipos: uma voltada a situações particulares e outra que permite a generalização da aplicação e avaliação. No jornalismo as produções resultantes de pesquisas geralmente se associam ao primeiro tipo. A produção está ligada a um determinado contexto e se apropria de conteúdos específicos que estão ligados ao princípio básico da atualidade, o que faz deste tipo de pesquisa uma produção limitada temporalmente, ainda que os conteúdos possam ser utilizados posteriormente para contextualizar novas produções.

A pesquisa de desenvolvimento prevê um processo contínuo de avaliação, desenvolvimento e execução para melhoria dos resultados (Ibrahim, 2016). Este tipo de procedimento pode ser pensado para o trabalho profissional em redação jornalística, mas parece pouco provável na pesquisa jornalística. Geralmente, o produto resultante de pesquisa finaliza o processo após sua publicação ou disponibilização, podendo, no máximo, sofrer alguns poucos ajustes indicados por orientadores, avaliadores de periódicos ou de eventos acadêmicos ou bancas de defesa de trabalho, posteriormente. Geralmente, não há ações contínuas ou possibilidades de aprimoramento a partir de tentativas e mensuração de acertos e erros como ocorre em práticas profissionais cotidianas, a exemplo da educação, que possibilita uma ação de melhorias contínuas.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aplicada precisa ser pensada a partir de diferentes possibilidades. Uma primeira diz respeito à capacidade de gerar tecnologias, processos e métodos que podem modificar as condições reais, transformando ou melhorando aquilo que vem sendo realizado. Não nos referimos apenas às questões produtivas, mas também qualitativas. Em geral, este tipo de pesquisa pode ser compreendida como a de caráter experimental. Toda vez que nos deparamos com publicações relacionadas à pesquisa aplicada em jornalismo é a pesquisa experimental que aparece como referência.

Mas diante das possibilidades de pesquisa em jornalismo, há outro tipo que não se enquadra nesta classificação e tampouco pode ser denominada como pesquisa básica. Estamos falando daquelas pesquisas que resultam em produtos jornalísticos e cujos resultados estão direcionados para um impacto direto sobre o público. Esta característica faz do jornalismo um campo extremamente privilegiado no sentido de pensar a pesquisa para o atendimento de demandas sociais, neste caso, por informação.

A pesquisa de desenvolvimento tem o ambiente profissional jornalístico como um alvo secundário, no qual pode exercer influência pelo modelo, em caso de sucesso comercial. Neste caso, o próprio produto se apresenta como uma crítica velada ao campo profissional, na medida em que oferece algo que não foi elaborado midiaticamente ou por trazer uma abordagem diferenciada sobre temas já publicados.

De forma propositiva, elaboramos um modelo que visa a oferta de novas possibilidades para o desenvolvimento da pesquisa aplicada em jornalismo, considerando as características próprias do campo profissional. Este modelo, adaptado do seu propósito original (Educação), precisa ser ajustado à realidade da pesquisa e da prática profissional jornalística. Deste modo, espera-se sugerir novas possibilidades de pesquisa ou de classificação do que vem sendo desenvolvido, buscando a construção de uma verdadeira práxis jornalística.

REFERÊNCIAS



ARENDDT, Ronald. Pesquisa básica versus pesquisa aplicada. **Temas em Psicologia**, n. 3, p. 71-78, 1996.

CONTADOR, Alanna Della Possa; GUEIROS, Emanuela Bezerra; MAGALHÃES, Mario Rodrigues; GONÇALVES, Suely; CARVALHO, Guilherme. Levantamento anual de dados sobre pesquisa aplicada em jornalismo no Brasil. **Anais do 23º Encontro Nacional de Ensino de Jornalismo**. 2024. Disponível em:

<https://repositorio.abejor.org.br/?anal=levantamento-anual-de-dados-sobre-pesquisa-aplicada-em-jornalismo-no-brasil>. Acesso em 15 mar. 2025.

DIEHL, Astor; TATIM, Denise. **Pesquisa em ciências sociais aplicadas: métodos e técnicas**. São Paulo: Prentice Hall, 2004.

FRANCISCATO, Carlos. Delimitando um modelo de pesquisa aplicada em jornalismo. IX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação da Região Nordeste – Salvador – BA.

Anais..., 2007. Disponível em:

<http://www.intercom.org.br/papers/regionais/nordeste2007/resumos/R0596-1.pdf>. Acesso em: 12 mai. 2022.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GROTH, Otto. **O poder cultural do desconhecido: fundamento da Ciência dos Jornais**. Petrópolis: Vozes, 2011.

GUERRA, Josenildo Luiz. Ensaio sobre o jornalismo. Para um programa de Pesquisa Básica, Aplicada e de Desenvolvimento Experimental. **Revista Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, Ponta Grossa, v.11, e123410, p.54-76,2024.

IBRAHIM, Ahmad Abdullahi. Definition Purpose and Procedure of Developmental Research: An Analytical Review. **Asian Research Journal of Arts & Social Sciences**, 1(6): 1-6, 2016.

MACHADO, Elias. Metodologias de Pesquisa Em Jornalismo: uma revisão histórica e perspectivas para a produção de manuais de orientação. **Brazilian Journalism Research**, v. 6, n. 1, 2010.

MATTA, Alfredo; SILVA, Francisca; BOAVENTURA, Edivaldo. Design-Based Research ou Pesquisa de Desenvolvimento: metodologia para pesquisa aplicada de inovação em educação do século XXI. **Revista da FAEEBA – Educação e Contemporaneidade**, Salvador, v. 23, n. 42, p. 23-36, jul./dez. 2014.

MARCH, S. T.; SMITH, G. F. Design and natural science research in Information Technology. **Decision Support Systems**, v. 15, p. 251-266, 1995.

MARTINS, Gilberto; THEÓPHILO, Carlos. **Metodologia da Investigação Científica para Ciências Sociais Aplicadas**. São Paulo: Atlas, 2017.

MEDITSCH, Eduardo. Universidade Federal de Santa Catarina. **O Jornalismo é uma Forma de Conhecimento?** (conferência feita nos Cursos da Arrábida – Universidade de Verão)



Setembro de 1997. Disponível em: <https://arquivo.bocc.ubi.pt/pag/meditsch-eduardo-jornalismo-conhecimento.html>. Acesso em 15 mar. 2025.

MICHEL, Maria H. **Metodologia e Pesquisa Científica em Ciências Sociais, 3ª edição**. Rio de Janeiro: Atlas, 2015.

PAULA, Lenon Martins; POZZOBON, Tanise. Pesquisa científica: uma revisão metodológica de pesquisa em jornalismo. **Revista Anagrama: Revista Científica Interdisciplinar da Graduação**, ano 9, ed. 1, Janeiro-Junho de 2015.

RIBEIRO, Alexsandro; CARVALHO, Guilherme. Pesquisa aplicada e formação em jornalismo: elementos para o debate. **Revista UNINTER de Comunicação**, v. 12, n. 20, p. 81-94, 2025.

SANTOS, Marcio Carneiro. Pesquisa aplicada em comunicação: O estranhamento da interdisciplinaridade que nos assombra. **Comunicação & Inovação**, v. 19, n.41, p. 18-33, set-dez 2018.

SILVA, Gislene. O fenômeno noticioso: objeto singular, natureza plural. **Estudos em Jornalismo e Mídia**. ano VI, n. 2, pp. 09 - 15 jul./dez. 2009.

_____; CARVALHO, Edwin dos Santos; ASSIS, Ingrid Pereira de; BARCELOS, Marcelo. Metodologias de pesquisa em jornalismo: 100 dissertações do Programa de PósGraduação em Jornalismo da UFSC. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, Vol. 14 Nº 2. Julho a Dezembro de 2017.

SIMON, Herbert Alexander. **The Sciences of the Artificial**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 1996.

STRELOW, A. O Estado Da Arte Da Pesquisa Em Jornalismo No Brasil: 2000 a 2010. **Intexto**, n. 25, p. 77-101, dez 2011. Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/index.php/intexto/article/view/22405>. Acesso em: 12 mai. 2022.

VAN DEN AKKER, J. Principles and methods of development research. In: VAN DEN AKKER, J. Et al (Ed.). **Design methodology and developmental research in education and training**. Norwell: Kluwer Academic Publishers, 1999. p. 1-14.

ZAMBERLAN, Luciano; RASIA, Pedro; SOUZA, José; GRISON, Antonio, GAGLIARDI, André; TEIXEIRA, Enise; DREWS, Gustavo; VIEIRA, Eusélia; BRIZOLLA, Maria; ALLEBRANDT, Sérgio (orgs). **Pesquisa em ciências sociais aplicadas**. Ijuí : Ed. Unijuí, 2019.